

**OS LUGARES DE MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DO COTIDIANO URBANO NA
INTERAÇÃO RIO E CIDADE EM JUAZEIRO/BA**

***MEMORY PLACES AND THE CONSTRUCTION OF URBAN DAILY LIFE IN THE
INTERACTION OF RIVER AND CITY IN JUAZEIRO / BA***

Pablo Michel Magalhães¹

RESUMO

O presente artigo visa promover uma reflexão sobre as memórias particulares em torno das navegações no Rio São Francisco, entre as décadas de 1940 e 1970, enfocando a problemática dos lugares de memória. Através da História oral, bem como da análise dos cadernos de Maria Franca Pires e das fotografias de Euvaldo Macêdo Filho, procuramos entrecruzar as várias memórias em torno do espaço urbano compreendido entre o rio e a cidade de Juazeiro/BA, cais ou orla fluvial, palco de uma série de atividades de sociabilidade evocadas através das lembranças dos sujeitos aqui evidenciados.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Navegações; Cotidiano; Cidade.

ABSTRACT

This article aims to foster a reflection on particular memories around the navigations on São Francisco River, among the decades of 1940 and 1970, focusing on the issue of places of memory. Through oral history and the analysis of Maria Franca Pires' notebooks and some of Euvaldo Macedo Filho's photographs, we seek to cross the various memories around the urban space between the river and Juazeiro / BA city, pier or fluvial shores, they turn into series of evoked sociability activities through the remembrances of the subjects have highlighted here.

KEYWORDS: Memory; Navigations; Everyday life; City.

¹ Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana, especialista em Docência da Filosofia pela Universidade Cândido Mendes, licenciado em História pela Universidade de Pernambuco. É professor da Faculdade São Francisco de Juazeiro e do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco. Desenvolve pesquisas sobre memória, identidade e cotidiano nas cidades ribeirinhas de Juazeiro/BA e Petrolina/PE. Email: pablomagalhaes@ohistoriante.com.br Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4461075D9>

INTRODUÇÃO

Um apito ao longe, meio cansado, anuncia que alguém chega. Sobre a ponte, pessoas tentam buscar o melhor lugar para aguardar a parte levadiça fazer seu trabalho: sob o comando da força dos encarregados, ela sobe, dando espaço para que o vapor a atravesse. Lenta, seguindo o balanço das águas, a embarcação chega ao porto; recebem-na olhares que revelam um misto de sensações. Saudade, alegria, curiosidade, tristeza. A rampa de acesso à beira do rio se enche de pessoas, subindo e descendo, num ritmo intenso. Contratos, vendas e compras, e também encontros, despedidas; o espetáculo da vida social juazeirense em um ambiente híbrido, água e terra, líquido e sólido.

Mudamos o foco de nosso olhar neste mesmo momento, e podemos acompanhar, ainda no leve embalar das águas, os pequenos barcos que partem rumo à cidade vizinha, Petrolina. Estudar, trabalhar, passear, brincar... O pacote que leva e traz pessoas com tais objetivos compete, ao mesmo tempo, com a ponte que agora fornece caminho rápido e gratuito entre as cidades.

No contínuo compasso do cotidiano, Juazeiro e o Velho Chico vão criando seus laços, fincados, sobretudo, na prática diária de seus cidadãos.

Aqui, convidamos o leitor atento a uma análise das representações memoriais particulares de moradores locais sobre a cidade de Juazeiro a partir da década de 1940 e os espaços que uniam e unem a cidade ao Velho Chico. Teremos como principal objetivo problematizar as falas em questão dos indivíduos que utilizaram ou puderam conviver com o transporte fluvial entre as décadas de 1940-1970 e nos fornecem suas reminiscências sobre o viver nesta cidade ribeirinha, utilizando também, nesta análise, registros fotográficos da cidade. O uso da fotografia e dos registros orais, fontes problematizadas aqui, fornece um panorama amplo de análise sobre as representações destes indivíduos sobre os espaços em questão, a partir das perspectivas fornecidas em cada ângulo e fala expostos.

Além destes, há ainda uma outra contribuição fundamental para a presente pesquisa: os cadernos de Maria Franca Pires. Esta professora normalista, nascida em Remanso-BA, juazeirense por escolha (e/ou paixão, assim podemos dizer), foi responsável por desenvolver uma série de entrevistas com moradores da cidade, nas décadas de 1970 e 1980, explorando suas memórias sobre a vida em Juazeiro. Estas sessões de conversa foram registradas em uma

série de cadernos, prontamente catalogados e arquivados na UNEB de Juazeiro, sob a organização da Prof.^a Odomaria Macêdo. O material foi doado *post mortem* pela família da professora normalista à universidade.

Em mais de 20 cadernos, Franca Pires anotou os relatos proferidos por seus entrevistados, versando sobre trabalho, festas, família, o rio e a cidade, dentre uma série de outras informações. Com essa contribuição, podemos ter contato com uma série de sujeitos que viveram dentro de nosso recorte temporal, e que infelizmente não encontraremos vivos devido à inevitável e inexorável ação do tempo; além disso, a voz mediadora de Franca Pires, envolvida no processo de análise dos dados coletados, é significativa dentro deste contexto, e pode fornecer-nos também suas próprias perspectivas sobre nosso objeto de reflexão.

Neste artigo, utilizaremos tais aportes para desenvolver uma perspectiva sobre a relação cidade/rio, porém evidenciando as reminiscências particulares de cada entrevistado, atentando para as especificidades e sutilezas de cada olhar (fotográfico, oral, cronístico) a maneira como estes narram suas lembranças e reconhecem, no vai e vem cotidiano das embarcações, sua “juazeiro particular”.

O quadro que pintamos no início deste tópico parte de um apanhado de fragmentos espalhados por todas as fontes coletadas e problematizadas. Os registros fotográficos do período aqui abordado, por exemplo, nos fornecem parte destes olhares sobre o panorama geral. Aqui, utilizamos este material tendo em mente que as fotos “atuam no sentido de relatar, compor narrativas [...]. No entanto, tanto a fotografia como os relatos orais dela provenientes compõem imagens-monumentos que selecionam o que deve ser lembrado” (MAUAD *apud* RABELO, 2012, p. 3). Dessa forma, são os olhares e perspectivas que nos interessarão, uma vez que “o relato oral, a fotografia e os documentos escritos não são chaves para nos revelar o passado em sua inteireza, mas para dar acesso à uma interpretação possível, por parte do historiador” (RABELO, 2012, p. 3).

Sabemos sem sombra de dúvidas que “o estudo da apropriação da imagem é um desafio ao historiador interessado em mobilizar fontes visuais em suas pesquisas” (LIMA; CARVALHO, 2009, p. 46), porém, este desafio deve ser encarado e problematizado, com o intuito de, através do fazer historiográfico, integrá-lo ao corpo de fontes possíveis para a construção da narrativa histórica.

De fato, quando observamos a imagem congelada de uma foto, devemos ter em mente a intencionalidade do seu autor, bem como de que forma este imprimiu, através da lente, sua ótica sobre o momento capturado; além disso, é preciso notar, claro, as sutilezas, as informações involuntárias, além do intencional.

Podemos destacar com maior propriedade, no tocante às fotografias selecionadas, a obra do fotógrafo e documentarista juazeirense Euvaldo Macedo Filho (1952 – 1982). Através de sua lente, cenas do cotidiano urbano das cidades do Vale do São Francisco foram captadas, sendo seu foco principal o rio e o modo como as pessoas interagem com ele. Entre as décadas de 1970 e 1980, Euvaldo explorou diversas cenas diárias dos ribeirinhos juazeirenses, enfatizando situações comuns, corriqueiras, que aos olhos dele transmitiam certo significado. Seu acervo, bem documentado e mantido pela prof.^a Odomaria Rosa Bandeira Macedo, da UNEB/Juazeiro, representa uma exceção na cidade. Em geral, e este é um grande problema para a pesquisa histórica da região, boa parte das fotografias produzidas em Juazeiro não possuem autoria confirmada, e muitas dessas imagens circulam de forma aleatória entre museus e arquivos particulares.

Rabelo (2012), em pesquisas sobre as imagens e os conflitos da memória em Juazeiro, ressalta a dificuldade encontrada no tocante à distinção e datação destas fotografias. Por meio do uso da História oral, ele pôde identificar, a partir das falas de pessoas ligadas ao campo fotográfico da cidade entre as décadas de 1950 e 1970, a atuação de pelo menos cinco estúdios: Foto Fialho, Art Foto Paulista, Foto Oliveira, Arte Foto Santo Antônio e Foto Tavares, responsáveis por grande parte das imagens que hoje, diante do consumo aleatório, emolduram supermercados, panificadoras, hotéis, escolas e uma infinidade de locais, de forma anônima e totalmente desconexa de sua produção². Algo que contribuiu de forma substancial para isso foi a digitalização dos acervos fotográficos destes estúdios, sob pedidos do “Museu Regional de Juazeiro, para uma exposição [...], reunindo fotografias antigas reimpressas em formato ampliado, mas depois da qual não se devolveu os artefatos para os familiares dos fotógrafos” (RABELO, 2012, p. 3). Sem o devido controle, tais imagens passaram a circular, contemporaneamente, de forma livre em formato digital.

Dentro desse contexto de consumo de massa das fotografias em Juazeiro, é interessante ressaltar a forma como a apropriação destas imagens, que retratam, em grande parte, as ruas, as praças, a ponte, as embarcações, telhados e suas casas, monumentos e construções, se deu de uma forma tão forte, a ponto de muitas delas figurarem até mesmo em paredes de estabelecimentos em nada ligados à arte de fotografar, como uma lanchonete, uma panificadora, a nível mesmo de decoração, a intrigar os observadores e instigar um gostoso

² Este processo, até o presente momento, ainda está em curso. Porém, algumas iniciativas de identificação, datação e crédito destas fotografias vêm sendo desenvolvidas em Juazeiro e Petrolina. O trabalho de Rabelo é um desses exemplos.

exercício aos moradores da cidade, o de adivinhar quando teriam sido feitas as fotos, que lugar poderia ser aquele, tão diferente no preto e branco da tela.

MEMÓRIAS EM QUESTÃO: UM LUGAR, VÁRIOS SENTIDOS.

De fato, a curiosidade e o prazer da observação estimulam o olhar do espectador, da mesma forma que instigam a criatividade do fotógrafo. Em análise das imagens captadas por Euvaldo Macedo Filho, por exemplo, podemos compreender bem essa premissa no foco de sua lente: seus olhos estão voltados para o rio, *a priori*, e toda a atividade humana sobre ele; *a posteriori*, suas lentes se deslocam para o espaço urbano, mantendo ainda a atenção para as pessoas e aquilo que praticam na cidade.

Imagem 1 – “O tempo voa”: o movimento do salto, a ação do mergulho. Euvaldo une, numa foto, rio e cidade em uma brincadeira comum aos jovens juazeirenses.



(FONTE: ASSIS, A. C. Coelho de; MACEDO, Odomaria R. B.; EGÍDIO, Chico. **Euvaldo Macedo Filho – Fotografias**. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2004).

Vamos começar, dentro dessa observação fotográfica, com uma prática das mais simples em Juazeiro, e provavelmente das mais simples nas cidades ribeirinhas: o banho. Caminhando pela orla dos anos 1970, podemos observar o ir e vir das pessoas e toda a atividade humana cotidiana. Num virar de cabeça, podemos ver um grupo de pessoas se aglomerando próximo à

murada que serve de parapeito, onde outras pessoas se debruçam para observar o rio. São homens e meninos, sem camisa, calções curtos, e mesmo cuecas. Unem-se e pulam de encontro às águas.

O fotógrafo, rápido e atento, busca captar o movimento e, desta forma, dar vida ao registro feito. Podemos destacar os elementos por ele utilizados: homens e meninos em ação, no ato do salto; uma outra pessoa, já mergulhada, observando os demais realizarem o movimento; o barco tranquilo, com dois tripulantes atentos à diversão; por último, observamos a escolha do ângulo, mostrando as águas (em período de cheia do Velho Chico) e o cais. Euvaldo, ao captar esse momento através de suas lentes, nos apresenta um uso desse local, uma prática que, ao ser desenvolvida pelos saltadores, dá um significado (dentre tantos outros possíveis, a depender da prática) àquele lugar. Nesse caso específico, cristalizado através das lentes do fotógrafo juazeirense, é este o local da brincadeira, do salto para o mergulho. Concordando com Pollak (1992, p. 201-202), “existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança” que por sua vez é construída pelos indivíduos por meio do tipo de prática desenvolvida nestes locais.

Porém, é este o local de brincadeira e mergulho para quem? A todos essa memória é comum e pode servir como elo na teia coletiva de recordações? A princípio, vamos definir aquilo que conceituamos como *memória*, e aplicamos nesta análise:

Em primeiro lugar, são os *acontecimentos* vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p. 201).

Deste modo, concordando com Pollak e transpondo esta reflexão para o nosso foco, nem só aqueles que pulam podem eventualmente reconhecer aquele espaço como o local do salto para o mergulho, mas também o passante, que observa essa brincadeira diariamente, mas que dela não toma partido; ou ainda, a mãe de um desses meninos, que chegará molhado em casa e contará suas façanhas acrobáticas no cais. Sem dúvida, “quando relatamos nossas mais distantes lembranças, nos referimos, em geral, a fatos que nos foram evocados muitas vezes pelas suas testemunhas” (BOSI, 1994, p. 406), de modo que fazemos destas rememorações, vividas por tabela, parte de nossa própria memória. Entretanto, e deve-se salientar isso, “por

muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (BOSI, 1994, p. 411).

Partindo deste pressuposto, nos perguntamos: o que podem nos dizer aqueles que não pulam? Neste ponto, recorreremos a uma conexão entre a imagem e os relatos orais coletados durante o processo de entrevistas realizado em nossa pesquisa. Ao longo do depoimento do Sr. John Khoury³, nascido em 1954, e que nos trouxe elementos de sua infância na década de 1960, nos deparamos com um outro tipo de memória sobre o banho de rio. Ele, advindo de uma família de comerciantes estrangeiros, provenientes dos países da Síria e da Turquia, revela que não podia mergulhar no rio por impedimento dos pais: “Meus primos tomava banho no rio, e a gente ficava ‘porra, bicho, seu pai, titio num bate não?’, ‘não, ele bota a gente, dava uns conselho’, e em casa eu apanhava mesmo”. Observamos em seu relato a frustração do jovem garoto, à época, diante da impossibilidade de fazer aquilo que os primos faziam (a exclamação estupefata, o medo de apanhar em casa, caso mergulhasse). Além disso, ainda rememorando este tema, o entrevistado mais uma vez deixou transparecer seu desapontamento: “Apesar de eu morar numa casa de frente pro rio, mas mamãe não deixava”.

Dentro das análises feitas sobre esta narrativa, nos pareceu interessante notar que o mergulho na orla (ou cais) da cidade poderia ser uma prática mais comum a determinado grupo social, menos abastado. John Khoury vem de uma família que relativamente possui estabilidade financeira, apesar de já não deter, no período de infância do nosso depoente, a proeminência econômica das décadas de 1940 e 1950. Outra informação que corrobora com isso é que o impedimento familiar ao banho é anulado em um caso particular, como conta o próprio entrevistado: “Acima da capitania dos portos era uma praia, e meu pai abria ali, o povo da cidade ia de sombrêro, de short, e ia pra praia, botava lá seu negócio e ia tomar banho no rio, ali a gente podia com a praia”.

Se levarmos em consideração que tratamos aqui de uma cidade ribeirinha, principalmente do fato de que boa parte de sua população trabalhadora exerce funções ligadas ao rio, é difícil conceber que esta mesma população frequente uma praia específica para apenas banhar-se no Velho Chico, tendo as águas disponíveis por todo o tempo. De todo modo, observamos que o local rememorado pelo depoente, onde lhe era permitido mergulhar no rio, situa-se longe da orla e do salto para as águas, registrado por Euvaldo Macedo Filho em sua fotografia. Ou

³ Entrevista concedida em 05/12/2013.

ainda: para nosso depoente, há um local do permitido e outro do não permitido, uma divisão que está clara dentro de sua narrativa e que expõe a relação do indivíduo com estes lugares.

Vamos a mais um olhar: Eurípedes Alves de Lima, entrevistado em 31/12/1984 por Franca Pires, aparece nas anotações do Caderno 6 dizendo ter como principais brincadeiras na infância tomar banhos de rio e pular dos vapores (Caderno 6, p. 8). Seu Galo, apelido pelo qual era mais conhecido na cidade, foi cantor e compositor, além de radialista em Juazeiro; era folião constante nos carnavais e costumava cantar desde a infância nas casas da cidade (Franca Pires, num esforço por detalhar as informações captadas, fornece uma série de dados em seus cadernos sobre cada pessoa entrevistada). Os saltos de Eurípedes, temporalmente situados na década de 1930, período de sua infância, geograficamente estão próximos do salto dos “descamisados” que Euvaldo captou em sua foto, uma vez que os vapores atracavam no cais da cidade e lá ficavam aportados até próxima viagem. Ao observador contemporâneo mais atento, que se debruça na orla para observar o ir e vir das barquinhas entre Petrolina e Juazeiro, o salto de embarcações é ainda brincadeira corriqueira na beira do rio.

Indo mais a fundo nas reminiscências de Eurípedes, poderemos observar que, longe de ser um local do não permitido, como o é nas memórias de John Khoury, o cais e o rio possuem ainda mais significado para si: é onde ele e alguns amigos faziam carnaval com o bloco “Pequena do Havai”. Os integrantes tomavam paquetes e canoas, iam à Ilha do Fogo⁴, soltavam fogos, dançavam, cantavam, e retornavam ao cais de Juazeiro, onde mais convivas se reuniam ao bloco (Caderno 6, p. 15-16). Dentro daquilo que “Seu Galo” rememora, e Franca Pires anota, aquele é o lugar do divertimento, do banho, do mergulho, dos paquetes, do carnaval.

Porém, é também lugar de trabalho, como bem lembra dona Ananda Simão⁵, viúva de Eurípedes: “Ele trabalhava era... escrituração mercantil. Isso, era escrituração mercantil, negócio de contabilidade. Era com isso que ele trabalhava. E era uma porcaria que ganhava, coitado”. Funcionário da Viação Bahiana do São Francisco, seu cargo exigia que ele realizasse vistorias nas embarcações da companhia, como bem explica a entrevistada: “Tinha os vapores que vinha, ele tinha que ir lá nos vapores, via, vê até as rôpa de cama dos vapores, ele tinha que fiscalizar tudo aquilo, era aquela agonia maior do mundo”.

Durante sua narrativa, não raro, testemunhamos momentos de lamento dela em relação ao trabalho do esposo. “Não tinha estrutura de marinheiro”, afirma, em determinado ponto, ao

⁴ Ilha do rio São Francisco, situada entre Petrolina e Juazeiro exatamente na divisa entre os estados de Pernambuco e Bahia, e por sobre a qual passa a Ponte Presidente Dutra. Devido à sua localização, próxima aos centros das duas cidades, costuma ser bastante frequentada pelos cidadãos petrolinenses e juazeirenses.

⁵ Entrevista concedida em 24/03/2013.

citar os problemas de saúde do marido atribuídos por ela ao fato de Seu Galo adentrar nos porões dos vapores durante o serviço.

É interessante notar que essa informação, que faz referência ao trabalho na companhia de navegação, não faz parte daquilo que Eurípedes conta a Maria Franca Pires em seus cadernos. Ao longo das páginas em que ela realiza suas anotações sobre a fala dele, vemos histórias de carnaval, festas, futebol, músicas, mas nenhuma menção ao trabalho que desempenhava nos vapores. É possível notar que Eurípedes busca, em seu relato, passar, naquele momento, uma imagem pública condizente com sua condição de comunicador; podemos identificar também seu distanciamento do trabalho fluvial, algo que evidencia sua negligência no tocante à atividade que desempenhava na companhia de navegação.

Outro ponto que precisamos destacar é que frequentemente, ao longo das outras entrevistas, a menção às navegações acaba aparecendo, o que nos permite considerar que Franca Pires explorava, em suas perguntas aos entrevistados, temáticas voltadas ao rio e ao trabalho neste (inclusive o próprio Seu Galo).

De fato, vemos aqui que cada indivíduo que rememora escolhe, para si, os momentos mais significativos e representativos (BOSI, 1994). Eurípedes traz à tona momentos de alegria, descontração, festa; dona Ananda, por sua vez, saudosa do marido falecido, grande admiradora do companheiro, porém machucada pelos anos de luto e pelas saudades, busca nas lembranças a imagem do homem esforçado, trabalhador, sofrido.

Seguindo ainda a trilha das memórias desta última, podemos encontrar mais uma experiência com o local, mais um significado dado através da prática cotidiana ao espaço em questão. Com 88 anos na ocasião de nossa conversa⁶, ela vive com os netos em uma pequena casa no centro de Juazeiro; tendo sofrido uma série de perdas na família (marido, filho e outros parentes), nossa depoente imprime em sua fala uma carga emocional bastante pesada, expressão possível de memórias encaradas, no momento da recordação, como traumas. Juntamente à lembrança do marido, que vai e volta ao longo de sua narrativa, ela resgata a imagem do pai e as viagens de barco, em família, pelo rio.

Meu pai com minha mãe era assim: ‘eu vou viajar, mas não vou deixar minha família. Viajo com meus filhos e minha mulher’. [...] Ele era um apego horrível aos filhos. Aí quando ia pra cidade da Barra, pra esses lugar por aí su... subindo o rio, ele levava imediatamente os filhos. Tirava da escola.

⁶ A ocasião da entrevista é março de 2013. A entrevistada nasceu em 1924.

Sendo seu pai comandante de embarcações da Viação Bahiana, nossa depoente costumemente seguia-o pela hidrovia, juntamente com a mãe e os irmãos. Ao acionar essa memória, observamos que a entrevistada foi da tristeza à alegria muito facilmente: a recordação do pai e sua ausência faziam com que sua voz e seu semblante ficassem mais pesados, porém, tão logo nos reportasse as suas impressões de viagem, risos devolviam a leveza de sua expressão facial. Em um desses momentos, seu relato nos aproxima das sensações da jovem, em ocasião do embarque em um vapor:

Ah, meu Deus, num sei se é porque era criança. E papai dizia: ‘Nós vamo pra cidade da Barra, tenho um trabalho na cidade da Barra, prepare aí’. Arrumava tudo, a gente tudo impinduradanas grade da... [risos] olhando: ‘Ê, adeus, adeus’, aí ia [risos] pra cidade da Barra.

O regresso à Juazeiro não é menos animado, e a depoente, ao concluir essa memória, finalizou com um suspiro: “Era bom”. Após a morte do pai, em 1937, cessaram as viagens nos vapores. No entanto, as lembranças que vão se desenrolando ao longo da narrativa ainda estabelecem uma conexão com o rio, em particular com a navegação. Podemos destacar dois pontos mais latentes e mais expressivos. O primeiro, um olhar do cais para o rio, relacionado às viagens nos vapores e, especialmente, ao modo como o apito do vapor era recebido por parte dos cidadãos: “Quando o Barão do Cotegipe⁷ dava um apito lá bem distante, é todo mundo trocando de roupa e tudo pra vir se dibruçar no cais [...], deles pra receber parente e deles pra ver o movimento [...] da chegada dos navio”. No segundo, embarcamos com nossa entrevistada e navegamos sobre o Velho Chico, na travessia Juazeiro/Petrolina, antes da construção da ponte Presidente Dutra, na década de 1950. Muito devota, ela frequentava constantemente as missas em Petrolina/PE, alegando gostar muito do contato com as freiras Salesianas, responsáveis pela organização e administração do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, para meninas, local onde a entrevistada queria muito estudar (mas não pôde, por questões financeiras): “Tinha umas canoinha, e tinha um velho preto, muito direito e tudo, que era quem levava a meninada que estudava por lá, que ficava frequentando lá”.

A frustração de não ter conseguido estudar no colégio das freiras é sentimento presente em sua narrativa. Em determinado ponto, ela chega a afirmar, pesarosamente, que “todo mundo queria estudar lá”.

Como dona Ananda se apropria do local e que significado atribuído por ela é revelado em suas lembranças? A princípio, é este o local de saudades. Saudades do pai e suas viagens

⁷ O navio a vapor Barão de Cotegipe.

em vapores, além de saudades da família e da unidade existente entre seus membros, relatada pela depoente. Além disso, é este o local de partidas e chegadas, de olhar pelas grades e dar adeus para aqueles que ficam. É também local que ativa, em sua memória, sentimentos desagradáveis: a tristeza pelo marido e seus constantes problemas de saúde no trabalho com as embarcações, a frustração de não ter podido continuar seus estudos com as freiras salesianas de Petrolina. Os sentimentos e apropriações são diversos dentro das memórias de nossa depoente. Porém, acima de tudo, o local a que nos referimos (do mergulho dos descamisados de Euvaldo, do banho proibido do Sr. John Khoury, das festas e cantorias de Eurípedes, o Seu Galo), no depoimento de dona Ananda, é um local de vivências, experiências, sociabilidades.

É também, por consequência disto, um local de disputas, de conflitos.

Na manchete “Cousas erradas” do jornal *O Arauto*, de 1939, podemos encontrar um exemplo de choque entre práticas, ligadas ao espaço rio/cidade da orla, e que ilustra bem essa questão.

Juazeiro é uma cidade que possui afamados foros de cidade rainha, cumpre, pois que os seus filhos saibam e procurem dignificar-lhe esse merecimento. Não temos, todos sabem, um serviço de irrigação. Por isto a água nos é fornecida por homens e mulheres que fazem disso a sua profissão. Até aí tudo bem. Acontece, porém, que esses fornecedores de água não procuram andar pelo meio das ruas, como seria mais correto, e, quase sempre com latas furadas, andam por sobre os passeios, interrompendo, de certo modo os transeuntes. Vê-se pois que está errado. Acreditamos que a Prefeitura devia proibir esse trânsito, principalmente na travessa do Mercado, um dos pontos mais concorridos, e onde se espalha a fiscalização municipal, porque se assim continuar, estamos certos que será uma mancha aos nossos foros de cidade civilizada. (O ARAUTO, ano I, n. 6, 1939, p. 1).

O grande problema aqui, de acordo com a matéria do jornal, é o fato de os “fornecedores de água”, enchendo seus baldes no rio, passarem pelas calçadas (e não pelo meio da rua) fazendo o transporte até seus clientes. Isso seria uma “mancha aos nossos foros de cidade civilizada”, como mostra *O Arauto*. O exemplo da matéria que trazemos à luz caracteriza-se enquanto contraponto entre práticas desenvolvidas à beira do rio (encher baldes de água) e a noção do local permitido/proibido de que vínhamos refletindo anteriormente, em especial nos relatos do Sr. John Khoury. A controvérsia, neste caso, está no fato de que o serviço em questão, necessário em função da falta de um serviço de encanamento de água, estaria causando desconforto entre os passantes.

LOCAL E ESPAÇO

O espaço é o local praticado. De acordo com Certeau, um local “é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência” (CERTEAU, 2012, p. 184); é uma delimitação geográfica, onde pessoas praticam suas vivências: transitam, conversam, rumam para seus trabalhos, para a escola, etc. Este local, quando praticado por meio destas atividades, pode ser chamado de espaço, sendo este o palco onde se desenrolam as ações dos indivíduos. Ao caminhar por este espaço, o cidadão ordinário realiza “um processo de apropriação do sistema topográfico” (CERTEAU, 2012, p. 164), assim como aquele que fala se apropria da linguagem. Desse modo, compreendemos, concordando com Certeau, que o ato de praticar o local, transformando-o em espaço, desde uma simples caminhada até o trabalhar diário, é uma ação de apropriação do lugar.

Este caminhar pela cidade representa “falas” traduzidas em passos, existindo nisto “uma retórica da caminhada. A arte de ‘moldar’ frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos” (CERTEAU, 2012, p. 166); o percurso desenvolvido por um indivíduo revela sua experiência com o espaço que pratica. Destarte, tal qual nossas construções argumentativas, que passam por uma arte de moldar frases, e mostram ao interlocutor uma série de características próprias, como o estilo de falar, a linha de pensamento, a opinião sobre o assunto, nossos passos pela cidade revelam mais sobre quem somos, o que fazemos, de onde falamos. Avançando um pouco mais no referencial teórico que Certeau nos traz, podemos dizer que o modo como praticamos o local, transformando-o em espaço, é uma “fala” daquilo que somos, ou somos induzidos a ser.

Dentro dessa reflexão, é válido ressaltar que este espaço, local praticado pelas pessoas que por ele transitam e nele exercem suas atividades,

é um produto material em relação com outros elementos materiais – entre outros, os homens, que entram também em *relações sociais determinadas*, que dão ao espaço (bem como aos outros elementos da combinação) uma forma, uma função, uma significação social. (CASTELLS, 2009, p. 181).

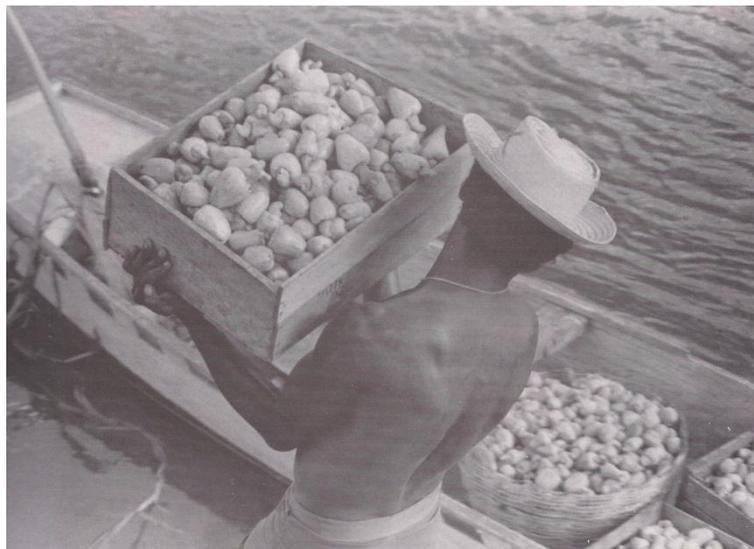
Constituindo-se como um meio fundamental de tráfego humano e comercial, a navegação no São Francisco, trabalho cotidiano de grande parte dos homens e mulheres de classe humilde em idade ativa, e veículo de uso por boa parcela dos moradores da Juazeiro, configurou-se como elemento integrador entre rio e cidade, fazendo com que, por meio da prática social, o local comunicador (o cais, a rampa que sobe para o centro, a faixa de terra à

beira do rio) fosse, de fato, significado pelos citadinos como espaço socializador, bem como espaço de distinções e hierarquias. Podemos identificar tal elemento nas narrativas de fluviais aposentados e moradores da cidade que, entre 1940 e 1970, puderam utilizar este transporte em suas possibilidades.

É preciso compreender que tanto o centro quanto a margem (encostas do rio) são construções humanas, inseridos, portanto, obrigatoriamente em um mesmo espaço, o urbano. Os dois compõem cada um a seu modo, a geografia da cidade. Pois a cidade, enquanto resultado da ação humana consegue concentrar a pluralidade e a diferença. Pensada e compreendida através do modo de viver, morar e sentir, delineando e imprimindo gradualmente a constituição de espaços configurando, assim, uma cultura do urbano (MORAIS, 2012, p. 47)

As práticas neste local vão variar de indivíduo para indivíduo: o homem que carrega sacos para embarca-los nas barcas e vapores desenvolve com o local uma experiência adversa daquela construída por um usuário, que se prepara para uma viagem rio acima, em primeira classe. Para o carregador, o espaço entre rio e cidade significa trabalho, esforço, suor; para o usuário, espaço de partidas e chegadas, onde poderá ver a cidade gradativamente se distanciar ou se aproximar, ao sabor do balanço das águas. Estes dois indivíduos praticam o mesmo local, porém as ações que desenvolvem, e que transformam o lugar em espaço, são distintas. Portanto, “ele não é uma pura ocasião de desdobramento da estrutura social, mas a expressão concreta de cada conjunto histórico, no qual uma sociedade se especifica” (CASTELLS, 2009, p. 181-182).

Imagem 2 – “Braços que trabalham”: remeiro, carregando a embarcação com frutas. Cena comum no cotidiano juazeirense.



(FONTE: ASSIS, A. C. Coelho de; MACEDO, Odomaria R. B.; EGÍDIO, Chico. **Euvaldo Macedo Filho – Fotografias**. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2004).

Desta forma, o local que aqui refletimos é o espaço das práticas de trabalho: o carregamento dos produtos, a navegação comercial, os contratos firmados entre patrão e empregado; por conseguinte, é também o local da força, da explosão muscular, do suor. O *clic* do fotógrafo Euvaldo (imagem 2) capta bem estes últimos três elementos na imagem acima: o homem sem rosto, personificação do fluvial, que carrega sua canoa com frutas a serem comercializadas e/ou carregadas em uma embarcação maior, representa o pequeno trabalhador em sua lide cotidiana.

O cais, a orla, o porto (e as nomenclaturas variam para a faixa entre cidade e rio sobre a qual nos debruçamos) é o espaço, também, dos sentimentos, das sensações, como bem pudemos observar nos relatos citados; espaço que representa despedidas e acolhidas.

REFERÊNCIAS

ASSIS, A. C. Coelho de; MACEDO, Odomaria R. B.; EGÍDIO, Chico. *Euvaldo Macedo Filho – Fotografias*. Petrolina: Gráfica Franciscana, 2004

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Vol 1 – Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de Carvalho. FOTOGRAFIAS: Usos sociais e historiográficos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.) *O Historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2005.

MORAIS, Erasmo Carlos Amorim. *MEMÓRIAS DO CAIS: Parnaíba, a cidade, o rio e a prostituição (1940-1960)*. Dissertação de Mestrado – Teresina, 2012.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.

_____. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

RABELO, Elson de Assis. *O visível e o não-visível do passado: as imagens digitalizadas e os conflitos da memória em Juazeiro da Bahia*. In: Anais eletrônicos do XI Encontro Nacional de História Oral: Memória, Democracia e Justiça, 11., 2012, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340421863_ARQUIVO_Textocompleto_ENHO_2012>. Acesso em: 10 de mar. 2014.

Fontes orais:

Ananda Simão de Lima, dona de casa e viúva de ex-funcionário da Companhia de Navegação do São Francisco – FRANAVE, nascida em 1924. A entrevista, concedida em 24/03/2013, foi realizada em sua residência, tendo durado 57 minutos.

John KhouryHedaye, geólogo, ex-presidente da Associação Comercial de Juazeiro/BA, nascido em 1954, filho do falecido comerciante local, ShefifHedaye. A entrevista, concedida em 05/12/2013, foi realizada em seu ambiente de trabalho, tendo durado 67 minutos.

Fonte jornalística:

O ARAUTO, Juazeiro-BA, ano I, n. 6, 1939.

Acervos consultados:

Acervo Maria Franca Pires, da Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro-BA.
Biblioteca Professor Olavo Balbino, Juazeiro-BA.

Recebido em: 16/08/2015

Aprovado em: 16/12/2015